



O DESENHO INFANTIL E A RELAÇÃO COM A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Autora: Jennifer Damiane Baia Vila Nova²

Graduanda do 5º período do curso de pedagogia

Universidade Federal do Pará- Campus Bragança

annyvilanova27@gmail.com

Orientadora: Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa³

Profª. Dra. Em Educação.

Universidade Federal do Pará- Campus Bragança

nmfrs@ufpa.br

GT2- Educação Infantil e sua prática educativa.

Resumo

O objetivo do trabalho foi compreender a relação entre o desenho livre de crianças da educação infantil e o processo de aquisição da linguagem escrita na educação infantil, visando identificar o simbolismo do desenho livre e a relação com a iniciação da escrita. O ensaio de pesquisa teve origem a partir de experiências vividas na disciplina psicogênese da linguagem oral e escrita, disciplina componente curricular do curso de licenciatura em pedagogia do Campus Universitário de Bragança na Universidade Federal do Pará (UFPA). A principal relevância desta produção para a formação inicial é perceber que atividades vistas como rotineiras e comuns no cotidiano escolar, como o desenho e a pintura livre, são atividades de fundamental importância no processo de construção da língua escrita das crianças. Realizamos um ensaio de pesquisa de natureza qualitativa com crianças entre cinco e seis anos. Para a construção dos dados solicitamos às crianças que realizassem desenhos livres e pedimos que contassem a história do desenho; como instrumento, utilizamos o diário de campo e gravação com a dinâmica de indagação e sondagem da criação dos sujeitos pesquisados. Esta produção está ancorada na teoria histórico-cultural, à luz das ideias de Vygotsky. Os resultados encontrados sugerem que o desenho é um elemento crucial no desenvolvimento da escrita, no qual as crianças através dos desenhos buscam simbolizar, identificar, designar e representar e usam a fala como mediação. Concluímos que a o desenho livre é uma forma de escrita e que as escolas de educação infantil, principalmente o docente devem adotar o desenho livre como auxiliar para a aquisição a escrita.

Palavras-chaves: Desenho livre. Aquisição da Escrita. Criança da educação infantil.

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de comunicar-se levou o homem a, historicamente, criar diversos meios para suprir essa necessidade. Bem antes do surgimento dos símbolos gráficos que utilizamos

¹ Pesquisa desenvolvida a partir de trabalhos realizados na disciplina curricular Psicogênese da linguagem oral e escrita do curso de licenciatura em Pedagogia.

² Aluna do curso de pedagogia/Campus de Bragança - Bolsista de iniciação à docência-PIBID- Grupo de Pesquisa e Estudos de Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão-INCLUDERE- Contato: 91998058188

³ Professora Dra. em Educação da Universidade Federal do Pará/Campus de Bragança.



para nos comunicar, o homem já desenvolvia outros meios a fim de repassar informações, conhecimentos e sentimentos. Uma dessas formas, e a qual vamos nos ater nesta pesquisa, refere-se ao desenho como meio de comunicação e mediador dos processos que levam o indivíduo ao desenvolver de habilidades cognitivas como a escrita.

A finalidade desse ensaio de pesquisa foi compreender a relação entre o desenho livre de crianças da educação infantil e o processo de aquisição da linguagem escrita na educação infantil, entender o desenho, desde a fase dos riscos e rabiscos até o desenho propriamente dito e sua relação com a escrita, é essencial os estudantes em processo de formação docente no sentido de adquirir subsídios para melhor entender essa fase na criança, sua atividade do desenho livre e como constroem a escrita.

O trabalho teve como aporte a abordagem histórico-cultural. Segundo Vygotsky (1991) para entender o desenvolvimento da criança é necessário dar a atenção às atividades naturais das crianças e que responda a seus interesses.

2. O DESENHO LIVRE NA INFÂNCIA: ANÁLISES TEÓRICO-PRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES

O desenho representa inicialmente, segundo a perspectiva de Vygotsky (1991), o próprio objeto focado e depois se torna linguagem escrita real por meio da representação ideográfica. Quando associamos a linguagem verbal com o desenho, este se torna capaz de abstrair os significados que correspondem a ele, originando uma representação típica da linguagem escrita. Assim, o desenho é considerado como meio de representação notacional e como signo empregado pelo homem, formado a partir de suas relações sociais.

Para Vygotsky, (1991 p. 134) “desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças”. Deste modo o desenho pode ser aparato pedagógico com a principal função de contribuição para o sistema cognitivo e desenvolvimento infantil culminando posteriormente na facilitação da linguagem escrita.

Segundo K. Buhler (1924 *apud* Vygotsky 1991, p.126), “o desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual para a criança”. Dessa forma notamos o quanto a linguagem verbal, por muito tempo, direciona as ações e as interpretações da criança que, posteriormente, se desenvolve transformando-se em diferentes formas de linguagem. Vygotsky (1991, p.127) divide o desenvolvimento do desenho em algumas etapas:

Inicialmente a criança desenha de memória [...], as crianças não desenhavam o que veem, mas sim o que conhecem. [...] também observamos o que Buhler



chama de desenho de “raio-X”. [...], ou seja, as coisas que ela sabe que existe, mas que de fato, no caso, não podem ser vistas. [...], finalmente, partes importantes dos objetos podem ser omitidas.

Além dessas categorias, Sully (1895 *apud* Vygotsky 1991, p.127), aponta a predominância do simbolismo no desenho infantil em detrimento ao naturalismo ressaltando que isto não representa que a criança tenha pouco conhecimento da imagem e sim “elas tentam identificar e designar mais do que representar”.

Quando a criança desenha ocorre um processo de vida e existência no papel, ela desenha os seus sentimentos e desejos, nesse momento ela exprime e interage com seus pensamentos, habilidades, imaginação e criatividade. Portanto, o ato de desenhá-lo é de fundamental importância, pois além do desenvolvimento cognitivo há também o estímulo da coordenação motora que possibilita a criança um vasto leque de conhecimento a partir da criação dos desenhos.

3. MÉTODO

O levantamento apresentada nessa produção foi realizada em ambiente não formal, nas casas dos próprios sujeitos da pesquisa- três crianças entre cinco e seis anos de idade. Foi solicitado a permissão e o acompanhamento dos pais. Foram observadas as produções de desenhos livre.

Perfil dos sujeitos

Identificação	Idade	Sexo	Escolaridade
V	Cinco anos	Masculino	Pré II
M	Cinco anos	Feminino	Pré II
R	Seis anos	Feminino	1º Ano

Nas produções das crianças pudemos identificar, elementos importantes para a aquisição da linguagem escrita. As crianças representaram o dia-a-dia, contendo elementos os quais, para elas, possuíam um significado que muitas das vezes não são identificados pelos adultos. Assim notamos algumas categorias básicas que são expressas por Buhler (1924) como o desenho de memória e o desenho de “raio X” e por Sully (1895), que enfatiza a produção da criança como mais simbolista do que naturalista.



Figuras: Imagens 1, 2 e 3 de desenhos livres feitos por crianças.

Na primeira figura, percebe-se que a criança retrata experiências próprias adquiridas em sua vivência no dia-a-dia, usa a sua memória para desenhar, levando ao entendimento de que no processo de aquisição a língua escrita como já citado anteriormente, as palavras escritas, primeiro se manifestam em formas de rabiscos e desenhos, essas criações proporcionam a criança a descrever uma fala interna. Em consonância a isto, Vygotsky (1991) diz que o desenho representa, inicialmente, para criança o próprio objeto focado e depois se torna linguagem escrita real por meio da representação ideográfica.

O desenho da figura 1, do estudante do Pré-II, com cinco anos de idade quando indagado no fim de sua produção o menino respondeu que eram “homens empinando pipas”. Esse momento é importante que os professores tenham sensibilidade para perceber os elementos trazidos pela criança, dando voz a ela para que seus rabiscos não sejam mais vistos como algo sem valor.

O desenho da segunda figura, apresenta elementos como o desenhos de “raio X”. A criança iniciou desenhando uma menina, a qual estava de braços abertos, desenhou em uma das mãos da menina uma flor, na outra mão desenhou um livro. Perguntamos se havia acabado, respondendo que não começou desenhando um barco, a vela do barco e desenhou um homem no barco. Em seguida, desenhando um porão no barco e dentro do porão um porco e só então voltou para a primeira personagem de seu desenho, a menina, desenhando, segundo ela, um vaso caindo na cabeça da mesma.



A partir dessa observação, foi possível relacionar a ideia de K. Buhler (1924 *apud* Vygotsky 1991, p. 126-127) ao afirmar que a linguagem falada antecede a leitura e a escrita, como também a criança desenha de memória, além de fazer desenho de Raio X, ou seja ela desenha o que conhece e não o que ver. Em consonância a esse pensamento, Vygotsky (1991, p. 127):

Inicialmente a criança desenha de memória, se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esteja perto dela, a criança desenhará sem sequer olhar para o original, ou seja, as crianças não desenharam o que veem, mas sim o que conhecem.

No desenho da terceira figura a criança de início demonstrou um pouco de dificuldade em criar seu desenho e até mesmo para manter a concentração, mas em seguida deu vazão a criatividade. Por possuir um vocabulário bem diversificado e já ter desenvolvido certa habilidade motora, como identificado pelos desenhos, as produções desta criança são bem elaboradas e representam situações vivenciadas por esta criança.

Nesse desenho, ressaltamos mais uma vez que as crianças desenharam de memória, uma vez que a produção desta criança, intitulada por ela como “a floresta da morte”, trata-se, segundo a criança, de um filme de terror que teria assistido com o pai. Assim percebemos que esta criança passou para o papel a mesma história que contou caracterizando seu o desenho não como uma produção autotélica e sim uma atividade com intencionalidade, uma linguagem gráfica que tem como base a linguagem verbal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desta pesquisa proporcionou-me um momento ímpar no processo de formação, uma vez que tivemos a oportunidade de experimentar a teoria na prática. Dessa forma, constatamos a veracidade de pensamentos como de Vygotsky (1991) e como o de Buhler (1924) ao dividir os estágios iniciais do desenho e de Sully (1895) que enfatiza a predominância do simbolismo no desenho infantil em detrimento do naturalismo.

Assim, e com o auxílio das teorias de abordagem histórico cultural, podemos constatar a estreita relação que o desenho estabelece entre as diferentes formas de linguagem da criança. Nesse sentido, concordo as afirmações de Sully (1895) ao interpretar o desenho da criança como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita.

A aquisição destas informações é de extrema relevância, no sentido de oferecer subsídios que norteiam e orientam a ação docente a proporcionar um desenvolvimento saudável e completo nesta etapa da criança. O papel dos educadores vai muito além de



instigar a criança a desenhar letras ou copiar palavras, por meio desta pesquisa, percebe-se a necessidade de oferecer momentos de descoberta individual, no qual o professor é o mediador e a criança é quem direciona sua ação agindo diretamente sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, o processo de aquisição da língua escrita pelas crianças, deve ser um momento que tenha relevância para elas, tornando-se assim uma necessidade e não atividade sem sentido e desvinculada da realidade imposta pelos adultos. Ou seja, a leitura e a escrita devem ser “relevantes à vida”, compreendidos não como uma habilidade motora, mas uma atividade cultural complexa.

5. REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.